

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

DEZEMBRO DE 1860

Nº 12

Aos Assinantes da *Revista Espírita*

Três anos de existência devem ter sido suficientes para os leitores desta *Revista* conhecerem o pensamento que preside à sua redação. E a melhor prova de que tal pensamento tem a sua anuência está no constante aumento do número de assinantes, consideravelmente acrescido neste último período. Mas o que para nós é infinitamente mais precioso são os testemunhos de simpatia e de satisfação, que diariamente recebemos. Seu sufrágio é um encorajamento para prosseguirmos em nossa tarefa, trazendo ao nosso trabalho todos os melhoramentos cuja utilidade a experiência nos mostrar. Como no passado, continuaremos o estudo racional dos princípios da ciência do ponto de vista moral e filosófico, sem negligenciar os fatos; mas, quando citamos os fatos, não nos limitamos a uma simples narração, divertida, talvez, mas certamente estéril, se a eles não se junta a pesquisa das causas e a dedução das consequências. Por isso nos dirigimos às pessoas sérias, que não se contentam em ver, mas que, antes de tudo, querem compreender e dar-se conta do que vêem. Aliás, a série dos fatos logo se esgota, se não quisermos cair nas repetições fastidiosas, porquanto todos giram mais ou menos no mesmo círculo e nada de novo ensinarmos aos nossos leitores quando lhes disséssemos que em

tal ou qual casa fazem as mesas girar mais ou menos bem. Para nós, os fatos têm outro caráter: não são histórias, mas temas de estudo; e os mais simples em aparência muitas vezes podem dar lugar às mais interessantes observações. É a mesma coisa que ocorre na ciência comum, em que um pezinho de erva encerra, para o observador, tantos mistérios quanto uma árvore gigante. Eis por que, nos fatos, consideramos muito mais o lado instrutivo que o divertido e nos prendemos aos que nos podem ensinar alguma coisa, independente de sua maior ou menor estranheza.

Apesar do número considerável de assuntos de que já temos tratado, estamos longe de haver esgotado a série de todos aqueles que se ligam ao Espiritismo, porque, quanto mais se avança nesta ciência, mais o horizonte se amplia. Os que nos restam por examinar fornecerão material por muito tempo ainda, sem contar as notícias mais recentes. Há muitas que adiamos propositadamente, a fim de somente abordá-las à medida que o estado dos conhecimentos permita compreender melhor o seu alcance. Assim, por exemplo, abrimos hoje maior espaço às dissertações espíritas espontâneas, porque as instruções que encerram, na maioria, podem ser muito mais bem apreciadas do que numa época em que apenas se conheciam os primeiros elementos da ciência; outrora, teriam sido julgadas apenas do ponto de vista literário, deixando passar despercebidos uma porção de pensamentos úteis e profundos, porque tratavam de pontos ainda desconhecidos ou mal compreendidos. A diversidade dos assuntos não exclui o método, e a desordem é apenas aparente, pois cada coisa tem seu lugar justificado. A variedade repousa o espírito, mas a ordem lógica auxilia a inteligência. O que nos esforçamos por evitar é fazer de nossa *Revista* uma coletânea indigesta. Certamente não temos a pretensão de fazer uma obra perfeita, mas esperamos, pelo menos, que seja levada em conta a nossa intenção.

Nota – Aos senhores assinantes que, em 1861, não quiserem receber a *Revista* com atraso, rogamos a gentileza de renovarem sua assinatura antes de 1º de janeiro próximo.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 26 de outubro de 1860 – Sessão geral

Comunicações diversas:

1º Leitura de uma comunicação recebida pela Sra. M... sobre a pergunta: Se Deus criou todas as almas semelhantes, como é que de repente há tanta distância entre elas?

2º Leitura de várias comunicações recebidas pelo Sr. P..., médium de Sens; uma, assinada por Homero, apresenta um fato notável, que pode ser considerado como uma prova de identidade: a revelação espontânea do nome de *Melesigênio*, sob o qual Homero era primitivamente designado. O nome era desconhecido pelo médium.

3º Análise de uma carta do Sr. L..., de Troyes, na qual relata fatos notáveis de manifestações físicas espontâneas, ocorridas em 1856 com uma pessoa dessa cidade, e que lembram os de Bergzabern.

4º Carta do Dr. Morhéry, relatando diversos fatos singulares de manifestações espontâneas, ocorridas em sua presença, com a Srta. Désirée Godu, coincidindo com a chegada de uma carta do Sr. Allan Kardec.

Estudos:

1º Perguntas diversas dirigidas a São Luís.

2º Evocação do filho do Sr. Morhéry, que diz ter participado das manifestações ocorridas na casa de seu pai.

3º Ditado espontâneo obtido pelo Sr. Alfred Didier, sobre o *desespero*, assinado por Lamennais.

4^o Perguntas diversas, dirigidas a Lamennais, sobre diversos casos particulares de suicídio, sobre as relações dos Espíritos e sobre a identidade de Homero na comunicação de Sens.

Sexta-feira, 2 de novembro de 1860 – Sessão particular

Comunicações diversas:

1^o Leitura de uma segunda comunicação de Homero, recebida pelo Sr. P..., médium de Sens, e de diversas perguntas e respostas a propósito.

2^o Desenhos obtidos por um médium de Lyon, notáveis por sua originalidade, se não pela execução. Interrogado a respeito, São Luís diz que os desenhos têm o seu valor, porque realmente são do Espírito, mas não têm significação muito precisa, pois o médium e o Espírito ainda não estão bem identificados um com o outro. Acrescenta que o médium, com o tempo, poderá tornar-se excelente.

Estudos:

1^o Perguntas dirigidas a São Luís: 1^o – sobre a fórmula de afirmação para a identidade dos Espíritos; 2^o – sobre o papel do homem na moralização dos Espíritos imperfeitos; 3^o – sobre a aparição dos Espíritos na forma de uma chama; 4^o – sobre o valor dos desenhos enviados de Lyon; 5^o – sobre o transporte de objetos materiais pelos Espíritos, sua elevação do solo e sua invisibilidade.

3^{o44} Exame da questão de saber se os Espíritos podem operar o transporte de objetos a um recinto fechado e através de obstáculos materiais.

O Sr. L... faz observar que tais questões se prendem aos fenômenos das manifestações físicas, com os quais a Sociedade não deve ocupar-se.

44 N. do T.: Numerado conforme o original, isto é, faltando o item 2.

O presidente responde que a pesquisa das causas é um ponto importante, que se liga diretamente ao estudo da ciência e entra no quadro dos trabalhos da Sociedade; todas as partes da ciência devem ser elucidadas. Outra coisa é ocupar-se dessas pesquisas teóricas ou fazer da produção dos fenômenos objeto exclusivo. Aliás, acrescenta, podemos referi-lo a São Luís, rogando dizer-nos se considera a discussão que acaba de ocorrer como tempo perdido. São Luís responde: “Estou longe de encarar vossa conversa como inútil.”

4^o Evocação de Charles Nodier. É solicitado a continuar o trabalho começado. Responde que lhe dará continuidade na próxima vez; lembra a solenidade do dia num belo ditado espontâneo. Atendendo a um pedido, dita uma breve prece, própria para a circunstância.

É feito um apelo geral, sem designação especial, aos Espíritos sofredores que possam estar presentes, convidando-os a se manifestarem. O Espírito de um homem altamente colocado em vida, falecido há dois anos, apresenta-se espontaneamente e, por sua linguagem ao mesmo tempo simples e digna, testemunha os bons sentimentos de que se acha agora animado e o pouco caso que faz das grandezas humanas; responde com complacência e benevolência às perguntas que lhe são feitas.

Sexta-feira, 9 de novembro de 1860 – Sessão geral

O Sr. Allan Kardec faz algumas observações sobre o que foi dito na última sessão, concernentes às manifestações físicas. A respeito, lembra a instrução dada por São Luís, no mês de novembro de 1858, quanto ao objetivo dos trabalhos da Sociedade. Essa instrução está assim formulada:

“Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Elas foram o limiar da ciência; é nela que, entrando, devem

ser deixados os preconceitos, como se deixa um casaco. Não posso senão vos estimular a fazer de vossas reuniões um centro sério. Que alhures façam demonstrações físicas, vejam, ouçam, mas que *entre vós haja compreensão e amor*. Que pensais ser aos olhos dos Espíritos superiores quando fazeis girar ou levantar uma mesa? Escolares. Passará o sábio seu tempo a recordar o *á-bê-cê* da Ciência? Ao passo que, vendo que investigais as comunicações sérias, considerar-vos-ão como homens em busca da verdade.”

São Luís

Não está aqui, senhores – acrescenta o Sr. Allan Kardec – um admirável programa, traçado com essa precisão, essa simplicidade de palavra que caracterizam os Espíritos verdadeiramente superiores? *Que entre vós haja compreensão*, isto é, que devemos aprofundar tudo, para nos darmos conta de tudo; *que entre vós haja amor*, isto é, que a caridade e uma mútua benevolência sejam o objetivo de nossos esforços, o laço que nos deve unir, a fim de mostrar pelo nosso exemplo o verdadeiro objetivo do Espiritismo. Enganar-nos-íamos singularmente quanto aos sentimentos da Sociedade se julgássemos que ela despreza o que se faz noutros lugares. Nada é inútil e as experiências físicas também têm sua vantagem, que ninguém contesta. Se não nos ocupamos com elas, não é porque tenhamos outra bandeira. Temos nossa especialidade de estudos, como outros têm a sua, mas tudo isto se confunde num objetivo comum: o progresso e a propagação da Ciência.

Comunicações diversas:

1º Leitura de ditados espontâneos recebidos fora da Sociedade.

2º Carta do Sr. L..., de Troyes, relatando fatos ocorridos em sua presença, produzidos pelo Espírito obsessivo de que se tratou na última sessão. Esses fatos, que haviam cessado desde

1856, acabam de reproduzir-se em circunstâncias muito notáveis e serão objeto de um estudo por parte da Sociedade.

Estudos:

1º Perguntas diversas: sobre a obsessão; – sobre a possibilidade de reproduzir, por daguerreotipia, a imagem das aparições visíveis e tangíveis; – sobre as manifestações físicas do Sr. Squire.

2º Perguntas sobre o Espírito que se manifesta em Troyes, especialmente sobre os efeitos magnéticos produzidos nessa circunstância.

3º Cinco ditados espontâneos são obtidos por quatro médiuns diferentes.

4º Evocação do Espírito perturbador de Troyes. Esse Espírito revela uma das mais baixas naturezas.

Arte Pagã, Arte Cristã, Arte Espírita

Na sessão da Sociedade, de 23 de novembro, tendo-se manifestado espontaneamente o Espírito Alfred Musset (ver detalhe adiante), foi-lhe dirigida a seguinte pergunta:

A pintura, a escultura, a arquitetura e a poesia se inspiraram sucessivamente nas idéias pagãs e cristãs. Podeis dizer-nos se, depois da arte pagã e da arte cristã, não haveria um dia a arte espírita? – O Espírito respondeu:

“Fazeis uma pergunta respondida por si mesma. O verme é verme, torna-se bicho da seda, depois borboleta. Que há de mais etéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Pois bem! a arte pagã é o verme; a arte cristã é o casulo; a arte espírita será a borboleta.”

Quanto mais se aprofunda o sentido dessa graciosa comparação, mais se lhe admira a exatidão. À primeira vista poder-se-ia supor que o Espírito tivesse a intenção de rebaixar a arte cristã, colocando a arte espírita no coroamento do edifício; mas não há nada disso, e basta meditar nessa imagem poética para assimilar-lhe a precisão. De fato, o Espiritismo se apóia essencialmente no Cristianismo; de modo algum vem substituí-lo: completa-o e o reveste com uma túnica brilhante. Nos primórdios do Cristianismo encontram-se os germes do Espiritismo; se eles se repelisses mutuamente, um renegaria o seu filho, e o outro, o seu pai. Comparando o primeiro ao casulo e o segundo à borboleta, o Espírito indica perfeitamente o laço de parentesco que os une. Há mais: A própria imagem descreve o caráter da arte que um inspirou e que o outro inspirará. A arte cristã teve de inspirar-se nas terríveis provações dos mártires e revestir a severidade de sua origem materna. Representada pela borboleta, a arte espírita inspirar-se-á nas vaporosas e esplêndidas paisagens da existência futura que se desvenda; deleitará a alma que a arte cristã havia tomado de admiração e de temor; será o canto de alegria após a batalha.

O Espiritismo encontra-se inteiramente na teogonia pagã, e a mitologia não passa de um quadro da vida espírita poetizada pela alegoria. Quem não reconheceria o mundo de Júpiter nos Campos Elísios, com seus habitantes de corpos etéreos? e os mundos inferiores no Tártaro? e as almas errantes nos manes? e os Espíritos protetores da família nos lares e nos penates? no Letes, o esquecimento do passado, no momento da reencarnação? nas pitonisas, nossos médiuns videntes e falantes? nos oráculos, as comunicações com os seres do além-túmulo? A arte necessariamente teve de inspirar-se nessa fonte tão fecunda para a imaginação; mas para elevar-se até o sublime do sentimento, faltava-lhe o sentimento por excelência: a caridade cristã. Não conhecendo os homens senão a vida material, a arte procurou, antes de tudo a perfeição da forma. A beleza corporal, então, era a primeira de todas as qualidades: a arte apegou-se a reproduzi-la, a

idealizá-la; mas só ao Cristianismo estava reservada a tarefa de fazer ressaltar a beleza da alma sobre a beleza da forma; assim, a arte cristã, tomando a forma na arte pagã, adicionou-lhe a expressão de um sentimento novo, desconhecido dos Antigos.

Mas, como dissemos, a arte cristã ressentiu-se da austeridade de sua origem e inspirou-se nos sofrimentos dos primeiros adeptos; as perseguições impeliram os homens a uma vida de isolamento e de reclusão, e a idéia do inferno à vida ascética. Eis por que a pintura e a escultura são inspiradas, em três quartos dos casos, pelo quadro das torturas físicas e morais; a arquitetura se reveste de um caráter grandioso e sublime, embora sombrio; a música é grave e monótona como uma sentença de morte; a eloquência é mais dogmática do que comovente; a própria beatitude é marcada pelo tédio, pela ociosidade e pela satisfação toda pessoal; aliás, encontra-se tão longe de nós, colocada tão alto, que nos parece quase inacessível; daí por que nos toca pouco, quando a vemos reproduzida na tela ou no mármore.

O Espiritismo nos mostra o futuro sob uma luz mais ao nosso alcance; a felicidade está mais perto de nós, ao nosso lado, nos próprios seres que nos cercam, com os quais podemos entrar em comunicação; a morada dos eleitos não é mais isolada: há solidariedade incessante entre o Céu e a Terra; a beatitude já não é uma contemplação perpétua, que não passaria de eterna e inútil ociosidade, mas, sim, uma constante atividade para o bem, sob o próprio olhar de Deus; não está na quietude de uma contemplação pessoal, mas no amor mútuo de todas as criaturas chegadas à perfeição. O mau já não é relegado para as fornalhas ardentes, o inferno se acha no próprio coração do culpado, que em si mesmo encontra o seu próprio castigo. Mas Deus, em sua infinita bondade, ao deixar-lhe o caminho do arrependimento, deixa-lhe, ao mesmo tempo, a esperança, essa sublime consolação do infeliz.

Que fecundas fontes de inspiração para a arte! Quantas obras-primas essas idéias novas podem criar para a reprodução de

cenar tão variadas e, ao mesmo tempo, tão suaves e tão pungentes da vida espírita! Que assuntos ao mesmo tempo poéticos e palpitantes de interesse nesse incessante comércio dos mortais com os seres de além-túmulo, na presença, junto a nós, dos seres que nos são caros! Já não será a representação dos despojos frios e inanimados, mas a mãe, tendo ao seu lado a filha querida, em sua forma etérea e radiosa de felicidade; um filho ouvindo atentamente os conselhos do pai, que vela por ele; o ser pelo qual se ora, que vem testemunhar o seu reconhecimento. E, numa outra ordem de idéias, o Espírito do mal insuflando o veneno das paixões, o malvado fugindo da visão de sua vítima, que o perdoa, e o isolamento do perverso em meio à multidão que o repele, a perturbação do Espírito no momento de despertar, sua surpresa à visão de seu corpo, do qual se surpreende por estar separado, o Espírito do defunto em meio aos seus ávidos herdeiros e amigos hipócritas; e tantos outros assuntos, tanto mais capazes de impressionar quanto mais de perto tocarem a vida real. Quer o artista elevar-se acima da esfera terrestre? Encontrará temas não menos atraentes nesses mundos felizes, que os Espíritos gostam de descrever, verdadeiros Edens de onde o mal foi banido, e nesses mundos ínfimos, verdadeiros infernos onde reinam, soberanas, todas as paixões.

Sim, repetimos, o Espiritismo abre para a arte um campo novo, imenso, ainda não explorado. Quando o artista trabalhar com convicção, como o fizeram os artistas cristãos, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações.

Quando dizemos que um dia a arte espírita será uma arte nova, queremos dizer que as idéias e as crenças espíritas darão às produções do gênio uma marca particular, como ocorreu com as idéias e crenças cristãs, e não que os temas cristãos caiam em descrédito; longe disso. Mas, quando um campo está respigado, o ceifador procura colher alhures, e colherá abundantemente no campo do Espiritismo. Sem dúvida já o fez, mas não de maneira tão

especial quanto o fará mais tarde, quando for encorajado e estimulado pelo assentimento geral. Quando estas idéias estiverem popularizadas, o que não deve tardar, porquanto os cegos da geração atual diariamente desaparecem da cena, a geração nova terá menos preconceitos, pela própria força das coisas. A pintura se inspirou, mais de uma vez, em idéias desse gênero; a pintura, sobretudo, está cheia delas, mas estão isoladas, perdidas na multidão. Tempo virá em que elas farão surgir obras magistraes, e a arte espírita terá seus Rafael e seus Miguel-Ângelo, como a arte pagã teve seus Apeles e seus Fídias.

História do Maravilhoso

PELO SR. LOUIS FIGUIER

Segundo artigo; vide a *Revista* de setembro de 1860

Falando do Sr. Louis Figuiet em nosso primeiro artigo, procuramos descobrir, antes de tudo, qual era o seu ponto de partida, e demonstramos, citando textualmente suas palavras, que ele se apóia na negação de qualquer força que esteja fora da humanidade corpórea; suas premissas devem fazer pressentir sua conclusão. Seu quarto volume, em que deveria tratar especialmente da questão das mesas girantes e dos médiuns, ainda não tinha aparecido, e nós o esperávamos para ver se ele daria destes fenômenos uma explicação mais satisfatória que a do Sr. Jobert (de Lamballe). Lemo-lo com cuidado e o que ressaltou para nós com mais clareza foi o fato de o autor haver tratado de um assunto que absolutamente não conhece. Não necessitamos de outra prova disto, além das duas primeiras linhas, assim concebidas: *Antes de abordar a história das mesas girantes e dos médiuns, cujas manifestações são inteiramente modernas*, etc. Como ignora o Sr. Figuiet que Tertuliano fala em termos explícitos das mesas girantes e falantes? Que os chineses conheciam esse fenômeno desde tempos imemoriais? Que é praticado pelos tártaros e siberianos? Que há

médiuns entre os tibetanos? Que os havia entre os assírios, os gregos e os egípcios? Que todos os princípios fundamentais do Espiritismo se acham na filosofia sânscrita? Assim sendo, é falso avançar que tais manifestações são *inteiramente modernas*. Os modernos nada inventaram a respeito e os espíritas se apóiam na ancianidade e na universalidade de sua doutrina, o que deveria ter sabido o Sr. Figuier, antes de pretender fazer sobre ele um tratado *ex-professo*. Nem por isso sua obra deixou de receber as honras da imprensa, que se apressou em homenagear esse campeão das idéias materialistas.

Aqui se apresenta uma reflexão cujo alcance não escapará a ninguém. Diz-se que nada é tão brutal quanto um fato. Ora, eis um que tem bem o seu valor: é o extraordinário progresso das idéias espíritas, às quais nenhuma imprensa, nem pequena nem grande, prestou o seu concurso. Quando ela se dignou falar desses pobres imbecis que pensam ter uma alma, e que essa alma, após a morte, ainda se ocupa dos vivos, não foi senão para gritar socorro! contra eles, e os enviar aos manicômios, perspectiva pouco encorajadora para o público ignorante do assunto. O Espiritismo não entou a trombeta da publicidade; não encheu os jornais de anúncios pomposos. Como é, então, que, sem barulho, sem estardalhaço, sem apoio dos que se arvoram em árbitros da opinião, ele se infiltra nas massas e, segundo a graciosa expressão de um crítico, cujo nome não lembramos, depois de ter *infestado as classes esclarecidas*, agora penetra nas classes laboriosas? Que nos digam de que maneira, sem a utilização dos meios ordinários de propaganda, pôde a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* esgotar-se em quatro meses? Diz-se que o povo se entusiasma com as coisas mais ridículas. Seja; mas a gente se entusiasma com o que diverte, uma história, um romance. Ora, *O Livro dos Espíritos* não tem, absolutamente, a pretensão de ser divertido. Não será porque a opinião geral encontra, nessas crenças, algo que desafia à crítica?

O Sr. Figuier encontrou a solução do problema: é, diz ele, o amor do maravilhoso; e tem razão. Tomemos a palavra

maravilhoso na aceção que ele lhe empresta e estaremos de acordo. Em sua opinião, estando a Natureza contida inteiramente na matéria, todo fenómeno extramaterial se deve ao maravilhoso: fora da matéria não há salvação. Conseqüentemente a alma e tudo quanto lhe atribuem, seu estado após a morte, tudo isso pertence ao maravilhoso. Como ele, chamemo-lo maravilhoso. A questão é saber se esse maravilhoso existe ou não. O Sr. Figuier, que não gosta do maravilhoso e só o admite nos contos da carochinha, diz que não. Mas se o Sr. Figuier não faz questão de sobreviver ao seu corpo; se despreza sua alma e a vida futura, nem todos partilham seus gostos e não é preciso, por isto, que ele desgoste os outros. Há muitas pessoas para as quais a perspectiva do nada encanta muito pouco e que esperam encontrar lá em cima, ou acolá, pai, mãe, filhos ou amigos. O Sr. Figuier não dá importância para isto. Gostos não se discutem.

Por instinto o homem tem horror à morte. Convenhamos que o desejo de não morrer completamente é muito natural. Pode-se mesmo dizer que essa fraqueza é geral. Ora, como sobreviver ao corpo, se não possuímos esse *maravilhoso* que se chama alma? Se temos uma alma, ela há de ter algumas propriedades, porquanto sem propriedades não seria coisa alguma. Infelizmente, para certas pessoas, não são propriedades químicas; a alma não pode ser introduzida num vidro para ser conservada nos museus de anatomia, como se conserva um crânio; nisto, o Grande Obreiro certamente errou, por não havê-la feito mais palpável; provavelmente Ele não pensou no Sr. Figuier...

Seja como for, de duas uma: essa alma, se existir, vive ou não vive após a morte do corpo; é alguma coisa ou é o nada: não há meio-termo. Vive sempre ou por algum tempo? Se deve desaparecer em dado momento, pouco importaria se fosse imediatamente; um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, nem por isso o homem seria mais avançado. Se vive, faz algo ou nada faz. Mas como admitir um ser inteligente que nada faz, e isto por

toda a eternidade? Sem ocupação, a existência futura seria muito monótona. Não admitindo que uma coisa inacessível aos sentidos possa produzir quaisquer efeitos, o Sr. Figuiet é conduzido, em razão de seu ponto de partida, à conclusão de que todo efeito deve ter uma causa material. Eis por que coloca no domínio do maravilhoso, isto é, da imaginação, todos os efeitos atribuídos à alma e, em consequência, a própria alma, suas propriedades, seus feitos e gestos de além-túmulo. Os simples, que crêem na tolice de querer viver após a morte, naturalmente gostam de tudo quanto satisfaz os seus desejos e vem confirmar as suas esperanças. Daí por que amam o maravilhoso. Até agora se contentavam em dizer-lhes: “Nem tudo morre com o corpo; ficai tranqüilos; nós vos damos nossa palavra de honra.” Sem dúvida era muito tranqüilizador, mas uma pequena prova não estragaria o negócio. Ora, eis que o Espiritismo, com seus fenômenos, vem lhes dar esta prova, e eles a aceitam com alegria. Eis todo o segredo de sua rápida propagação; torna real uma esperança: a de viver e, melhor que isto, de viver mais feliz. Ao passo que vós, Sr. Figuiet, vos esforçais para lhes provar que tudo isto não passa de uma quimera, de uma ilusão. Ele levanta a coragem, vós a abateis. Acreditais que entre os dois a escolha seja duvidosa?

O desejo de reviver após a morte é, pois, no homem a fonte de seu amor pelo maravilhoso, isto é, por tudo quanto se liga à vida de além-túmulo. Se alguns homens, seduzidos por sofismas, puderam duvidar do futuro, não creiais que tenha sido voluntariamente. Não; porque essa idéia lhes inspira pavor, e é com terror que sondam as profundezas do nada. O Espiritismo acalma suas inquietudes, dissipa suas dúvidas; aquilo que é vago, indeciso, incerto, toma uma forma, torna-se uma realidade consoladora. Eis por que, em alguns anos, deu a volta ao mundo, pois todos querem viver e o homem sempre dará preferência às doutrinas que o tranqüilizam àquelas que o apavoram.

Voltemos à obra do Sr. Figuiet e digamos, de começo, que seu quarto volume, consagrado às *mesas girantes e aos médiuns*,

em três quartas partes está cheio de histórias que não lhes guardam nenhuma relação, de maneira que o principal ali se torna o acessório. Cagliostro, o caso do colar, que ali figuram, não se sabe por quê, a moça elétrica, os caracóis simpáticos, ocupam treze capítulos em dezoito. É verdade que essas histórias são tratadas com verdadeiro luxo de detalhes e de erudição, que as fará lidas com interesse, pondo-se de lado qualquer opinião espírita. Sendo seu objetivo provar o amor do homem pelo maravilhoso, busca ele todos os contos que o bom-senso, em todos os tempos, já havia dado o seu justo valor, e se esforça por provar que são absurdos, o que ninguém contesta. E exclama: “Eis o Espiritismo fulminado!” A dar-lhe ouvidos, poder-se-ia crer que as proezas de Cagliostro e os contos de Hoffmann são artigos de fé para todos os espíritas, e que os caracóis simpáticos têm toda a sua simpatia.

O Sr. Figuier não rejeita todos os fatos; longe disso. Em sentido oposto a outros críticos que, pura e simplesmente negam tudo, o que é mais cômodo, pois dispensa qualquer explicação, ele admite perfeitamente as mesas girantes e os médiuns, mas os atribuindo em larga escala à trapaça. As Srtas. Fox, por exemplo, são insignes prestidigitadoras, porque foram ridicularizadas pelos jornais americanos pouco elegantes. Chega mesmo a admitir o magnetismo – como agente material, bem entendido – o poder fascinante da vontade e do olhar, o sonambulismo, a catalepsia, o hipnotismo, todos os fenômenos de biologia. Que se tenha cuidado! Ele vai passar por um iluminado aos olhos de seus confrades. Mas, conseqüente consigo mesmo, quer tudo reduzir às leis da física e da fisiologia. É verdade que cita algumas testemunhas autênticas e das mais honradas em apoio dos fenômenos espíritas, mas se estende com indulgência sobre todas as opiniões contrárias, sobretudo as dos sábios que, como o Sr. Chevreul e outros, buscaram provas na matéria. Tem em grande estima a teoria do músculo estalante dos Srs. Jobert e comparsas. Sua teoria, como a lanterna mágica da fábula, peca num ponto capital: perde-se num labirinto de explicações que demandariam outras explicações para serem compreendidas. Um outro defeito é

que a cada passo é contraditada por fatos que não pode explicar e que o autor silencia por uma razão muito simples: é que não os conhece. Ele nada viu ou pouco viu por si mesmo; numa palavra, nada aprofundou de *visu*, com a sagacidade, a paciência e a independência das idéias do observador consciencioso; contentou-se com relatos mais ou menos fantásticos, encontrados em certas obras que não primam pela imparcialidade. Não leva em consideração os progressos que a ciência fez desde alguns anos; ele a toma em seu começo, quando marchava tateante e cada um trazia uma opinião incerta e prematura, estando longe de conhecer todos os fatos; absolutamente como se quisesses julgar a química de hoje pelo que era ao tempo de Nicolas Flamel. Em nossa opinião, e por mais sábio seja o Sr. Figuier falta-lhe a primeira qualidade que se exige de um crítico: a de conhecer *a fundo* aquilo de que fala, condição ainda mais necessária quando se quer explicá-lo.

Não o acompanharemos em todos os seus raciocínios. Preferimos indicar a sua obra, que todo espírita pode ler sem o menor perigo para as suas convicções; só citaremos a passagem na qual ele explica sua teoria das mesas girantes, que resume mais ou menos a de todos os outros fenômenos.

“Vem a seguir a teoria que explica os movimentos das mesas pelos *Espíritos*. Se a mesa girar após um quarto de hora de recolhimento e de atenção por parte dos experimentadores, é, dizem, que os Espíritos, bons ou maus, anjos ou demônios, entraram na mesa e a fizeram oscilar. Espera o leitor que discutamos tal hipótese? Não pensamos fazê-lo. Se empreendêssemos provar, com grandes reforços de argumentos lógicos, que o diabo não entra nos móveis para os fazer dançar, precisaríamos também demonstrar que não são os Espíritos que, introduzidos em nosso corpo, nos fazem agir, falar, sentir, etc.⁴⁵

45 Não são os Espíritos que nos fazem agir e pensar, mas um Espírito que é a nossa alma. Negar esse Espírito é negar a alma; negar a alma é proclamar o materialismo puro. O Sr. Figuier parece pensar que, como ele, *ninguém* crê possuir uma alma imortal, ou que ele crê ser todo o mundo.

Todos esses fatos são da mesma ordem, e aquele que admite a intervenção do demônio para girar uma mesa deve recorrer à mesma influência sobrenatural para explicar os atos, que só ocorrem em virtude de nossa vontade e com auxílio de nossos órgãos. *Ninguém jamais quis atribuir seriamente* os efeitos da vontade sobre os nossos órgãos, por mais misteriosa que seja a essência desse fenômeno, a ação de um anjo ou de um demônio. É, entretanto, a essa conseqüência que são levados os que querem vincular a rotação das mesas a uma causa sobre-humana.

“Digamos, para terminar esta breve discussão, que a razão proíbe recorrer a uma causa sobrenatural em todas as situações em que uma causa natural pode bastar. Poderíamos invocar uma causa natural, normal, fisiológica, para explicar o movimento das mesas? Esta é a questão.

“Eis, pois, chegado o momento de expor o que nos parece dar conta do fenômeno estudado nesta última parte de nosso livro.

“A explicação do fato das mesas girantes, considerada na sua maior simplicidade, parece-nos ser fornecida por esses fenômenos cujo nome até aqui variou muito, mas cuja natureza, no fundo, é idêntica, haja vista que, seguidamente, foi chamada *hipnotismo* com o Dr. Braid, *biologismo* com o Sr. Philips, *sugestão* com o Sr. Carpenter. Lembramos que, em conseqüência da forte tensão cerebral resultante da contemplação de um objeto imóvel, mantido por muito tempo, o cérebro cai num estado particular que recebeu, sucessivamente, os nomes de *estado magnético*, *sono nervoso* e *estado biológico*, nomes diferentes que designam certas variantes particulares de um estado geralmente idêntico.

“Uma vez chegado a esse estado, quer pelos passes de um magnetizador, como se faz desde Mesmer, quer pela contemplação de um corpo brilhante, como operava Braid, imitado depois pelo Sr. Philips, e como operam ainda os feiticeiros árabes e

egípcios, quer simplesmente, enfim, por uma forte contenção moral, de que já citamos mais de um exemplo, o indivíduo cai nessa passividade automática que constitui o *sono nervoso*. Perdeu a força de dirigir e controlar a própria vontade e está sob o império de uma vontade estranha. Apresentem-lhe um copo de água, afirmando, com autoridade, que é deliciosa bebida, e ele bebe julgando tomar vinho, licor ou leite, conforme a vontade daquele que se apoderou fortemente de seu ser. Privado assim do auxílio de seu próprio juízo, o indivíduo fica quase estranho às ações que executa e, uma vez voltando ao seu estado natural, perdeu a lembrança dos atos que realizou durante essa estranha e momentânea abdicação do seu *eu*. Está sob a influência de *sugestões*, isto é, aceita sem poder repeli-la, uma idéia fixa que lhe é imposta por uma vontade exterior, age e é forçado a agir sem idéia e sem vontade própria, conseqüentemente, sem consciência. Este sistema levanta uma grave questão de psicologia, porquanto, assim influenciado, o homem perdeu o livre-arbítrio e não tem mais responsabilidade pelas ações que executa. Age determinado por imagens intrusas que lhe obsidiam o cérebro, análogas a essas visões que Cuvier supõe fixadas no *sensorium* da abelha, e que lhe representam a forma e as proporções da célula que o instinto a leva a construir. O princípio das *sugestões* explica perfeitamente os fenômenos, tão variados e por vezes tão terríveis, das alucinações, mostrando, ao mesmo tempo, o pequeno intervalo que separa o alucinado do monômano. Não é de admirar que, num grande número de giradores de mesas, a alucinação sobreviva à experiência e se transforme em loucura definitiva.

“Esse princípio das *sugestões*, sob a influência do *sono nervoso*, parece-nos fornecer a explicação do fenômeno da rotação das mesas, tomado na sua maior simplicidade. Consideremos o que se passa numa corrente de pessoas que se entregam a uma experiência desse gênero. Tais pessoas estão atentas, preocupadas, fortemente emocionadas com a espera do fenômeno que se deve produzir. Uma grande atenção, um recolhimento completo de

espírito lhes é recomendado. À medida que a espera se prolonga e a contenção moral fica muito tempo entretida pelos experimentadores, seu cérebro se fatiga cada vez mais e as idéias sofrem uma ligeira perturbação. Quando assistimos, durante o inverno do ano de 1860, às experiências realizadas em Paris pelo Sr. Philips; quando vimos as dez ou doze pessoas às quais ele confiava um disco metálico, com a injunção de olhar fixamente e unicamente esse disco, colocado na palma da mão durante cerca de meia hora, não pudemos deixar de ver nessas condições reconhecidas indispensáveis para a manifestação do estado hipnótico, a imagem fiel do estado em que se encontram as pessoas que, em silêncio, formam a corrente, com vistas a obter a rotação da mesa. Num e noutro caso, há uma forte contenção de espírito, uma idéia perseguida exclusivamente durante um tempo considerável. O cérebro humano não pode resistir por muito tempo a essa tensão excessiva, a esse acúmulo anormal do influxo nervoso. Das dez ou doze pessoas que se entregaram a essa operação, a maioria abandona a experiência, forçadas a renunciar pela fadiga nervosa que experimentam. Somente algumas, uma ou duas, que perseveraram, são presas do estado hipnótico ou biológico, dando lugar, então, aos diversos fenômenos que examinamos no curso desta obra, ao falarmos do hipnotismo e do estado biológico.

“Nessa reunião de pessoas fixamente ligadas, durante vinte minutos ou meia hora, a formar a corrente, com as mãos espalmadas sobre a mesa, sem liberdade de distrair, nem sequer por um instante, a atenção da operação em que tomam parte, a maioria não experimenta nenhum efeito particular. Mas é muito difícil que uma delas, uma só que seja, não venha a cair, ainda que por um momento, no estado hipnótico ou biológico. Talvez esse estado não precise durar mais que um segundo para que se realize o fenômeno esperado. Caindo nessa espécie de sono nervoso, não tendo mais consciência de seus atos e sem outro pensamento que não seja a idéia fixa da rotação da mesa, o membro da corrente imprime inconscientemente o movimento ao móvel. Ele pode,

nesse momento, exibir uma força muscular relativamente considerável e a mesa se move. Dado esse impulso, realizado esse ato *inconsciente*, nada mais é preciso. Assim passageiramente biologizado, o indivíduo pode a seguir voltar ao seu estado ordinário; porque, apenas manifestado esse movimento de deslocamento mecânico na mesa, logo todas as pessoas que compõem a corrente se levantam e seguem seus movimentos; em outras palavras, fazem a mesa marchar, pensando que apenas a acompanham. Quanto ao indivíduo, causa involuntária, *inconsciente* do fenômeno, posto não guardar nenhuma lembrança dos atos executados nesse estado de sono nervoso, ignora o que fez e, de boa-fé, fica indignado se o acusam de haver empurrado a mesa. Até suspeita que outros membros da corrente tenham feito uma brincadeira de mau gosto, de que o acusam. Daí essas freqüentes discussões e mesmo *essas disputas graves, que tantas vezes deram origem* ao divertimento das mesas girantes.

“Tal a explicação que julgamos poder dar, no que diz respeito ao fato da rotação das mesas, tomado na sua maior simplicidade. Quanto ao movimento das mesas respondendo a perguntas: os pés que se levantam às ordens e que, pelo número de batidas, respondem às perguntas feitas, o mesmo sistema o explica se admitirmos que, entre os membros da corrente, haja algum no qual o estado de sono nervoso conserve uma certa duração. Tal indivíduo, hipnotizado à sua revelia, responde às perguntas e às ordens que lhe são dadas, inclinando a mesa ou fazendo-a dar pancadas, conforme o pedido. Voltando depois ao estado normal, esqueceu todos os atos assim realizados, como qualquer indivíduo magnetizado ou hipnotizado perde a lembrança dos atos executados nesse estado. O indivíduo que representa o papel mau grado seu, é, pois, uma espécie de dorminhoco acordado; não é absolutamente *sui compos*; está num estado mental que participa do sonambulismo e da fascinação. Não dorme; está encantado ou fascinado em virtude da forte concentração moral a que se impôs: é um *médium*. Como este último exercício é de ordem superior ao

primeiro, não pode ser obtido em todos os grupos. Para que a mesa responda às perguntas feitas, levantando um de seus pés e dando pancadas, é necessário que os indivíduos que operam tenham praticado seguidamente o fenômeno da mesa girante, e que entre eles se encontre um sensitivo particularmente apto a cair naquele estado, o que se dá mais depressa pelo hábito e pela perseverança por mais tempo: numa palavra, é preciso um *médium* experimentado.

“Mas, dirão, vinte minutos ou meia hora nem sempre são necessários para obter o fenômeno da rotação de uma mesinha de pé-de-galo ou de uma mesa convencional. Muitas vezes, ao cabo de quatro ou cinco minutos, a mesa se põe em movimento. A tal observação responderemos que um magnetizador, quando trata com um sensitivo habitual ou com um sonâmbulo profissional, faz este cair em sonambulismo em um ou dois minutos, sem passes, sem aparatos, e apenas pela imposição fixa do olhar. Aqui, é o hábito que torna o fenômeno fácil e rápido. Do mesmo modo, os *médiuns* exercitados podem em pouco tempo chegar a esse estado de semi-sono nervoso, que deve tornar inevitável o fenômeno da rotação da mesa ou o movimento imprimido por ele ao móvel, conforme o pedido feito.”

Não sabemos como o Sr. Figuiet explicaria sua teoria aos movimentos que ocorrem, aos ruídos que se ouvem, ao deslocamento dos objetos, sem o contato do médium, sem a participação de sua vontade, até mesmo contra a sua vontade. Mas há muitas outras coisas que ele não explica. Aliás, aceitando-se mesmo sua teoria, ela revelaria um fenômeno fisiológico dos mais extraordinários, e bem digno da atenção dos sábios. Por que, então, o desdenharam?

O Sr. Figuiet termina o seu *Tratado do Maravilhoso* por uma breve notícia sobre *O Livro dos Espíritos*. Naturalmente ele o julga do seu ponto de vista: “A filosofia – diz ele – é antiquada e a

moral enfadonha.” Certamente ele teria preferido uma moral galhofeira e excitante. Mas que fazer? É uma moral para uso da alma; aliás, ela teria sempre uma vantagem: a de fazer dormir. É, para ele, uma receita em caso de insônia...

Conversas Familiares de Além-Túmulo

BALTAZAR, O ESPÍRITO GASTRÔNOMO

2ª conversa

Um dos nossos assinantes, ao ler na *Revista Espírita* do mês de novembro a evocação do Espírito que se deu a conhecer pelo nome de Baltazar, julgou reconhecer um homem que havia conhecido pessoalmente, cuja vida e caráter coincidiam perfeitamente com todos os detalhes relatados. Não duvidava que fosse o mesmo que se tinha manifestado sob um nome de fantasia e pediu-nos que nos certificássemos em nova evocação. Segundo ele, Baltazar não era outro senão o Sr. G... de la R..., conhecido por suas excentricidades, sua fortuna e seu pendor gastronômico.

1º Evocação.

Resp. – Ah! eis-me aqui; mas nunca tendes algo a me oferecer. Decididamente não sois amáveis.

2º Quereis dizer o que vos poderíamos oferecer para vos ser agradáveis?

Resp. – Oh! pouca coisa: um chazinho; um jantarzinho muito fino, eu gostaria mais disso; e essas senhoras, sem contar os senhores aqui presentes, não o poriam de lado, haveis de concordar.

3º Conhecestes um certo Sr. G... de la R...?

Resp. – Creio que sois curioso.

4º Não; não se trata de curiosidade; dissei, por obséquio, se o conhecestes.

Resp. – Então quereis descobrir o meu incógnito.

5º Portanto, sois o Sr. G... de la R...?

Resp. – Ai! sim; e sem almoço.

6º Não fomos nós que descobrimos vosso incógnito; foi um dos vossos amigos aqui presente que vos reconheceu.

Resp. – É um falador; deveria ter ficado calado.

7º Em que isto vos pode aborrecer?

Resp. – Em nada; mas eu preferia não ter sido reconhecido imediatamente. Tanto faz, não esconderei meus gostos por isto. Se conhecêsseis os jantares que eu dava, conviriam francamente que eram bons e tinham um valor que hoje não mais se aprecia.

8º Não; não os conhecia. Mas falemos mais seriamente, por favor, pondo de lado os jantares e ceias, que nada nos ensinam. Nosso objetivo é de nos instruímos, razão por que vos pedimos dizer qual o sentimento que vos levou, no dia de vossa festa de formatura como advogado, a fazer jantar vossos confrades numa sala decorada em câmara mortuária?

Resp. – Não desvendais, no meio de todas as minhas excentricidades de caráter, um fundo de tristeza causado pelos erros da sociedade, sobretudo pelo orgulho daquela que eu freqüentava e da qual fazia parte pelo nascimento e pela fortuna? Eu buscava atordoar o coração por meio de todas as loucuras imagináveis e, por isso, me chamavam louco, extravagante. Pouco importava. Saindo desses jantares tão elogiados por sua originalidade, eu me apressava a praticar uma boa ação que ignoravam; mas para mim era indiferente: meu coração ficava satisfeito e os homens também. Eles riam de mim enquanto eu me divertia com eles. Que não direis dessa ceia, em que cada conviva tinha seu caixão atrás de si! Seus tristes semblantes me divertiam muito. Como vedes, era a loucura aparente unida à tristeza do coração.

9º Qual a vossa opinião atual sobre a Divindade?

Resp. – Não esperei perder o corpo para acreditar em Deus. Ocorre apenas que esse corpo, que tanto amei, materializou meu Espírito a tal ponto, que lhe será preciso bastante tempo para quebrar todos os laços terrenos das paixões que o prendiam à Terra.

Observação – Vê-se que podemos tirar, de um assunto aparentemente frívolo, muitos ensinamentos úteis. Não haverá algo de eminentemente instrutivo nesse Espírito que, conservando no além-túmulo os instintos corporais, reconhece que o abuso das paixões de certo modo *materializou* o seu Espírito?

A Educação de um Espírito

Um de nossos assinantes, cuja esposa é excelente médium escrevente, não pode, apesar disso, comunicar-se com seus parentes e amigos, porque um Espírito mau se impõe a ela e *intercepta*, por assim dizer, todas as comunicações, o que lhe causa viva contrariedade. Notemos que há simples obsessão, e não subjugação, porquanto a médium absolutamente não é enganada por esse Espírito, que, aliás, é francamente mau e não procura esconder o seu jogo. Tendo pedido nossa opinião a respeito, dissemos-lhe que não se livraria dele nem pela cólera, nem pelas ameaças, mas pela paciência; que era preciso dominá-lo pelo ascendente moral e buscar torná-lo melhor pelos bons conselhos; que é um *encargo de alma* que lhe é confiado, e cuja dificuldade lhe será meritória.

Conforme nosso conselho, marido e esposa empreenderam a educação desse Espírito, e devemos dizer que se conduzem admiravelmente; se não o conseguirem, nada terão a se censurar. Extraímos algumas passagens dessas instruções, que damos como modelo no gênero, e porque a natureza desse Espírito nelas se desenha de maneira característica.

1º Para que sejas mau assim, é preciso que sofras?

Resp. – Sim, sofro; e é isto que me faz ser mau.

2º Jamais sentes remorsos do mal que fazes ou procuras fazer?

Resp. – Não; jamais tenho remorso, e gozo o mal que faço, pois não posso ver os outros felizes sem sofrer.

3º Não admities, então, que se possa ser feliz com a felicidade dos outros, em vez de encontrar a felicidade em sua desventura? Jamais fizestes tais reflexões?

Resp. – Jamais as fiz, e acho que tens razão; mas não posso me... não posso fazer o bem; eu sou...

Observação – Essas reticências substituem os rabiscos feitos pelo Espírito, quando não quer ou não pode escrever uma palavra.

4º Mas, enfim, não queres ouvir-me e experimentar os conselhos que te poderia dar?

Resp. – Não sei, porque tudo quanto me dizes me faz sofrer ainda mais, e não tenho coragem de fazer o bem.

5º Muito bem! prometes ao menos tentar?

Resp. – Oh! não; não posso, porque não cumpriria a promessa e por isso seria punido. Ainda é preciso que rogues a Deus para mudar-me o coração.

6º Então oremos juntos. Pede comigo que Deus te melhore.

Resp. – Insisto que não posso; sou muito mau e agrada-me fazer o mal.

7º Mas, realmente querias fazê-lo a mim? Não considero como verdadeiro mal as tuas mistificações que, por certo, até aqui nos têm sido mais úteis que prejudiciais, porquanto

serviram para a nossa instrução. Assim, como vês, perdes o teu tempo.

Resp. – Sim, faço tanto mal quanto posso e, se não faço mais, é por não poder.

8º Quem te impede de fazer isso, então?

Resp. – O teu bom anjo-da-guarda e tua Maria; sem eles verias do que sou capaz.

Observação – Maria é o nome de uma jovem que eles evocam em vão e que não se pode manifestar por causa desse Espírito. Contudo, pela própria resposta do Espírito vê-se que ela, embora não possa comunicar-se materialmente, nem por isso deixa de lá estar, assim como o anjo-da-guarda, velando por eles. Esse fato levanta um sério problema, o de saber como um Espírito mau pode impedir as comunicações de um bom. Ele só impede as comunicações materiais, mas não pode opor-se às espirituais. Não é o Espírito mau mais poderoso que o bom, é o médium que não é bastante forte para vencer a obstinação do mau, e que deve esforçar-se por vencê-lo pelo ascendente do bem, melhorando-se cada vez mais. Deus permite essas provas em nosso interesse.

9º Mas o que me farias, então?

Resp. – Eu te faria mil coisas, mais desagradáveis umas que outras; eu te faria...

10º Vejamos, pobre Espírito, jamais tens um impulso generoso? Nunca tens um só desejo de fazer algum bem, ainda que fosse um vago desejo?

Resp. – Sim, um desejo vago de fazer o mal; não posso ter outro. É preciso que ores a Deus, para que eu seja tocado, pois, de outro modo, certamente continuarei mau.

11º Então crês em Deus?

Resp. – É necessário que eu creia nele, pois ele me faz sofrer.

12^o Muito bem! Já que crês em Deus, deves ter confiança em sua perfeição e em sua bondade. Deves compreender que Ele não fez suas criaturas para votá-las à infelicidade; que se são infelizes, é por sua própria culpa, e não pela dele; mas que elas sempre têm meios de melhorar e, conseqüentemente, de alcançar a felicidade; que Deus não fez inteligentes as criaturas sem objetivo e que esse objetivo é fazer que todas concorram para a harmonia universal: a caridade, o amor do próximo; que a criatura que se afasta de tal objetivo perturba a harmonia e ela própria é a primeira sofrer os efeitos dessa perturbação. Olha em torno de ti e acima de ti; não vês Espíritos felizes? Não tens vontade de ser como eles, já que dizes sofrer? Deus não os criou mais perfeitos do que tu; como tu, talvez tenham sofrido, mas se arrependeram e Deus lhes perdoou; podes, pois, fazer como eles.

Resp. – Começo a ver e a compreender que Deus é justo; eu ainda não tinha visto; és tu que me vens abrir os olhos.

13. Então! já sentes o desejo de melhorar?

Resp. – Ainda não.

14. Espera, que ele virá. Eu o espero. Dissestes à minha mulher que ela te torturava, enquanto te invocava. Crês que procuremos torturar-te?

Resp. – Não; bem vejo que não. Mas não é menos verdade que sofro mais que nunca e vós sois a causa disto.

Observação – Interrogado quanto à causa de tal sofrimento, um Espírito superior respondeu: Vem do combate a que ele se entrega; mau grado seu, sente algo que o arrasta para um caminho melhor, mas resiste. É essa luta que o faz sofrer. – Quem vencerá nele, o bem ou o mal?

Resp. – O bem; mas a luta será longa e difícil. É preciso ter muita perseverança e dedicação.

15. Que poderíamos fazer para que não sofras mais?

Resp. – É preciso que ores a Deus para que me perd...
(ele risca essas duas últimas palavras) que tenha piedade de mim.

16. Pois bem! ora conosco.

Resp. – Não posso.

17. Disseste que precisas crer em Deus, pois Ele te faz sofrer. Mas como sabes que é Deus quem te faz sofrer?

Resp. – Ele me faz sofrer porque sou mau.

18. Se é verdade que julgas ser Deus quem te faz sofrer, deves conhecer o motivo, porquanto não podes imaginar que Deus seja injusto.

Resp. – Sim, creio na justiça de Deus.

19. Disseste que fomos nós quem te abrimos os olhos. Verdade ou não, o certo é que não podes dissimular a verdade do que te dizemos. Ora, quer essas verdades te sejam conhecidas antes de nós, ou por nosso intermédio, o essencial é que as conheças. Hoje, o grande negócio para ti é tirar partido delas. Dize, pois, francamente, se a satisfação que experimentas em fazer o mal não te deixa nada a desejar.

Resp. – Desejo que meus sofrimentos acabem; eis tudo. E eles jamais acabarão.

20. Compreendes que depende de ti que eles acabem?

Resp. – Compreendo.

21. Em tua última existência corpórea te entregaste sem reservas às más inclinações, como parece que fazes agora?

Resp. – É preciso que saibas que sou mais imundo que uma fera; sou um miserável que fez tudo até...

22. Eu e minha mulher te fizemos algum mal? Tivestes de te queixar de nós numa outra existência?

Resp. – Não; eu não...

23. Então, dize por que encontras mais prazer em destilares o teu ódio contra pessoas inofensivas como nós, que te queremos bem, e não contra gente má, que talvez seja ou tenha sido tua inimiga?

Resp. – *Eles não me causam inveja.*

Observação – Esta resposta é característica. Pinta o ódio do mau contra os homens que sabe serem melhores que ele. É a inveja que cega e muitas vezes impele a atos mais contrários aos seus interesses. O mesmo ocorre aqui na Terra, onde muitas vezes os maiores erros de um homem, aos olhos de certas pessoas, têm o seu mérito: Aristides é um exemplo.

24. Eras mais feliz na Terra, do que agora?

Resp. – Oh! sim. Era rico e de nada me privava. Cometi baixezas de toda sorte e fiz todo o mal que se pode fazer, quando se tem dinheiro e miseráveis à disposição.

25. Por que me pedias outro dia que te deixasse em paz?

Resp. – Porque não queria responder às perguntas que me fazias. Mas estou muito à vontade por me evocares e queria sempre escrever, porque o tédio me mata. Oh! não sabes o que é estar continuamente em presença das faltas e dos crimes, como estou!

26. Que impressão experimentas à vista de uma ação generosa?

Resp. – Experimento despeito; gostaria de aniquilá-la.

27. Durante tua última existência corpórea jamais fizeste uma boa ação, fosse qual fosse o móvel?

Resp. – Fiz por ambição e por orgulho; jamais por bondade. É por isso que não me foi levada em conta.

Observação – Essas conversas se prolongaram durante grande número de sessões, e ainda neste momento, infelizmente

sem resultado muito sensível. O mal domina sempre nesse Espírito, que só em raros intervalos demonstra alguns clarões de bons sentimentos; assim, é uma tarefa penosa para os seus instrutores. Contudo, esperamos que com perseverança conseguirão domar essa natureza rebelde, ou ao menos que Deus leve em conta os seus esforços.

Dissertações Espíritas

Recebidas ou lidas na Sociedade por diversos médiuns

ENTRADA DE UM CULPADO NO MUNDO DOS ESPÍRITOS

Médium – Sra. Costel

Vou contar-te o que sofri quando morri. Retido no corpo por laços materiais, meu Espírito teve grande dificuldade para se desprender, o que foi uma primeira e grande angústia. A vida que havia deixado aos vinte e quatro anos era ainda tão forte em mim, que não acreditava na sua perda. Procurava meu corpo e estava admirado e apavorado de me ver perdido em meio a essa multidão de sombras. Por fim, a consciência de meu estado e a revelação das faltas que havia cometido em todas as minhas encarnações, me feriram de repente. Uma luz implacável iluminou os mais secretos recônditos de minha alma, que se sentiu *nua* e tomada de acabrunhante vergonha. Eu buscava escapar, interessando-me por objetos novos, *no entanto conhecidos*, que me cercavam; os Espíritos radiosos, flutuando no éter, davam-me a idéia de uma felicidade à qual eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas em triste desespero, outras irônicas ou furiosas, deslizavam à minha volta e sobre a terra à qual eu estava preso. Via os humanos se movimentando e lhes invejava a ignorância. Toda uma ordem de sensações desconhecidas *ou reencontradas* invadia-me ao mesmo tempo. Como que arrastado por uma força irresistível, buscando fugir a essa dor apunhalante, eu transpunha as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais,

sem que as belezas da Natureza nem os esplendores celestes pudessem acalmar um instante o dilaceramento de minha consciência, nem o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, mas as vossas frágeis dores, suavizadas pela esperança, temperadas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, jamais vos poderão dar a compreender as angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. Passei um tempo, cuja duração não posso apreciar, invejando os eleitos, dos quais entrevia o esplendor, detestando os Espíritos maus que me perseguiram com as suas zombarias, desprezando os humanos, cujas torpezas eu via, passando de um profundo abatimento a uma revolta insensata.

Por fim, me acalmaste. Escutei os ensinamentos que te davam teus guias. A verdade me penetrou e eu orei: Deus me ouviu. Revelou-se a mim por sua clemência, como se havia revelado pela sua justiça.

Novel

CASTIGO DO EGOÍSTA

Médium – Sra. Costel

Nota – O Espírito que ditou as três comunicações seguintes é o de uma mulher que a médium conheceu em vida, cuja conduta e caráter bem justificam os tormentos que ela sofre. Era dominada principalmente por um sentimento de extremo egoísmo e um personalismo que se reflete na última comunicação, por sua pretensão em querer que a médium se ocupe somente dela, e por ela renuncie aos seus estudos ordinários.

I

Eis-me aqui, a infeliz Claire. Que queres que te ensine? Tua resignação e tua esperança não passam de palavras para quem

sabe que, inumeráveis como os seixos da praia, seus sofrimentos haverão de durar na sucessão interminável dos séculos. Dizes que podes suavizá-los! Que palavra vazia! Onde encontrar a coragem, a esperança para tanto? Procura, pois, cérebro limitado, compreender o que é um dia que jamais acaba. Será um dia, um ano, um século? Que sei eu? As horas não se marcam; as estações não variam. Eterno e lento como a água que brota do rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como um relicário de chumbo... Sofro!... Nada vejo à minha volta, senão sombras silenciosas e indiferentes... Sofro!

Entretanto, sei que, acima desta miséria reina Deus, o Pai, o Senhor, aquele para o qual tudo se encaminha. Quero pensar nisto. Quero implorar-lhe socorro.

Debato-me e me arrasto como um estropiado, que pena um longo caminho. Não sei que poder me atraí para ti; talvez seja a salvação. Retiro-me de ti um pouco calma, um pouco renovada, como um velho tiritando de frio, reanimada por um raio de sol. Minha alma enregelada haure uma vida nova ao aproximar-se de ti.

Claire

II

Minha desgraça cresce dia-a-dia, à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Ó miséria! quanto vos maldigo, horas culpadas, horas de egoísmo e de esquecimento em que, desconhecendo toda caridade, todo devotamento, só pensava em meu bem-estar! Convencionalismo humano, sede maldito! vãs preocupações dos interesses materiais! Sede malditos, vós que me haveis enceguedido e perdido! Sou corroída pelo incessante pesar do tempo transcorrido. Que direi a ti, que me escutas? Vigia incessantemente sobre ti; ama aos outros mais que a ti mesma; não te demores nos caminhos do bem-estar; não sobrecarregues teu corpo à custa de tua alma. Vigia, como dizia

o Salvador a seus discípulos. Não me agradeças estes conselhos: meu espírito os concebe, mas meu coração jamais os ouviu. Semelhante a um cão açoitado, o medo me faz rastejar, mas não conheço ainda o verdadeiro amor! Sua divina aurora tarda muito a romper. Ora por minha alma ressequida e tão miserável!

Claire

III

Nota – Os dois primeiros ditados foram recebidos em casa da médium. Este foi dado espontaneamente na Sociedade, o que explica o sentido da primeira frase:

Venho procurar-te aqui, já que me esqueces. Crês, então, que preces isoladas e o meu nome pronunciado bastarão para acalmar meu sofrimento? Não, cem vezes não. Tenho rugido de dor; erro sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo cravar-se em minha alma revoltada. Sorrio quando escuto vossos lamentos, quando vos vejo abatidos. Que são as vossas insignificantes misérias! que são as vossas lágrimas! que são os vossos tormentos, que o sono interrompe! Será que durmo? Eu quero, entendes, eu quero que, deixando tuas dissertações filosóficas, te ocupes de mim; que os outros também se ocupem. Não encontro expressão para descrever a angústia desse tempo que se escoia, sem que as horas lhe marquem os períodos. Vejo apenas um fraco raio de esperança; e essa esperança foste tu que ma deste. Não me abandones, pois.

Claire

IV

Nota – A comunicação seguinte não é do mesmo Espírito; é de um Espírito superior, nosso guia espiritual, em resposta ao pedido que lhe dirigimos, para nos dar sua opinião acerca das comunicações precedentes:

Esse quadro é muito verdadeiro, e absolutamente não está exagerado. Talvez me perguntem o que fez essa mulher para estar tão miserável! Terá cometido algum crime horrível? Roubou, assassinou? Não. Nada fez que tivesse merecido a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com aquilo a que chamais a felicidade terrena: beleza, fortuna, prazeres, adulação, tudo lhe sorria, nada lhe faltava e, ao vê-la, diziam: Que mulher feliz! E invejavam sua sorte. Que fez ela? Foi egoísta, tinha tudo, menos um bom coração. Se não violou a lei dos homens, violou a lei de Deus, porquanto desconheceu a caridade, a primeira das virtudes. Não amou senão a si mesma: agora ninguém a ama. Nada deu: nada lhe dão. Está isolada, desamparada, abandonada, perdida no espaço, onde ninguém pensa nela, ninguém se ocupa com ela: este o seu suplício. Como só buscou os prazeres mundanos, que hoje não mais existem, fez-se o vazio em seu redor. Só vê o nada e o nada lhe parece a eternidade. Não sofre torturas físicas; os demônios não vêm atormentá-la, mas isto não é necessário. Ela própria se atormenta e sofre muito mais, porque esses demônios seriam ainda seres que pensavam nela. O egoísmo fez sua alegria na Terra: ele a persegue, agora, como um verme a lhe roer o coração; é o seu verdadeiro demônio.

Ah! se os homens soubessem quanto lhes custa ser egoístas! Entretanto, Deus vo-lo ensina todos os dias, porquanto, ao enviar tantos Espíritos egoístas à Terra tem em mira que, desde esta vida, eles se castiguem uns aos outros e possam melhor compreender, pelo contraste, que a caridade é o único antídoto dessa lepra da Humanidade.

ALFRED DE MUSSET

Médium – Srta. Eugénie

Na sessão da Sociedade do dia 23 de novembro, um Espírito comunicou-se espontaneamente, escrevendo o seguinte:

Como desejo, antes de tudo, vos ser agradável, pergunto de que tema quereis que eu trate. Se tiverdes um assunto, perguntai. Enfim, Senhores, sou sempre o vosso dedicado.

Alfred de Musset

– Sendo vossa visita imprevista, não temos um assunto preparado. Pedimos, pois, que vos digneis de tratar um à vossa escolha. Seja qual for, ficaremos muito reconhecidos.

– Tendes razão. Sim, porque meu Espírito, em particular, e nós todos, em geral, conhecemos melhor as vossas necessidades e melhor podemos escolher as comunicações, do que faríeis vós mesmos.

“De que vou tratar? Sinto-me assaz embaraçado em meio a tantos assuntos interessantes. Começemos por falar daqueles que desejam ardentemente ser espíritas, mas que parecem recuar diante do que julgam uma apostasia. Falemos, pois, para os que recuariam ante a idéia de se acharem em contradição com o catolicismo. Ouvi bem, digo catolicismo e não Cristianismo.

Temeis renegar a fé de vossos pais? Erro! Vossos pais, os primeiros, os que fundaram essa religião sublime em sua origem, eram mais espíritas do que vós; pregavam a mesma doutrina que hoje vos ensinam. E quem diz: Espiritismo, como vossa religião, diz: caridade, bondade, esquecimento e perdão das injúrias. Como o catolicismo, ele vos ensina a abnegação de si mesmo. Podeis, pois, consciências timoratas, reuni-los e vir, sem escrúpulo, sentar-vos a esta mesa e conversar com os seres de quem sentis saudade. Como vossos pais, sede caridosos, bons, compassivos, e no fim da estrada tereis todos o mesmo lugar; no fim do caminho, a balança que pesará vossas ações terá os mesmos pesos e a obra o mesmo valor. Vinde sem temor, eu vos peço; vinde, mulheres graciosas, com o coração cheio de ilusões; vinde aqui, e estas serão substituídas por realidades mais belas e mais radiosas; vinde, esposa

de coração duro, que sofreis a vossa aridez, aqui está a água que amolece a rocha e estanca a sede; vinde, mulheres amantes, que em toda a vossa vida aspirais à felicidade, que medis a profundidade de vosso coração e desesperais de preenchê-la; vinde, mulher de inteligência ávida, vinde: aqui a ciência corre clara e pura; vinde beber nesta fonte que rejuvenesce. E vós, velhos, que vos curvais, vinde e rireis na face de toda essa juventude que vos desdenha, porque, para vós, se abrem as portas do santuário, para vós o nascimento vai recomeçar e trazer a felicidade de vossos primeiros anos; vinde, e nós vos faremos ver os irmãos que vos estendem os braços e vos esperam; vinde, pois, todos, porque para todos há consolações.

Vede que me presto de boa vontade; disponde de mim e me dareis prazer.”

Aproveitando a boa vontade do Espírito Alfred de Musset, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1º Qual será a influência da poesia no Espiritismo?

Resp. – A poesia é o bálsamo que se aplica sobre as chagas. A poesia foi dada aos homens como o maná celeste, e todos os poetas são médiuns que Deus enviou à Terra para regenerar um pouco o seu povo e não deixar que se embruteçam completamente. Pois o que haverá de mais belo, que mais fale à alma que a poesia?

2º A pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia foram, sucessivamente, influenciadas pelas idéias pagãs e cristãs. Podeis dizer se, depois das artes pagã e cristã, haverá um dia a arte espírita?

Resp. – Fazeis uma pergunta que se responde por si mesma: o verme é verme, torna-se bicho da seda, depois borboleta. Que há de mais etéreo, de mais gracioso que uma borboleta? Pois bem! A arte pagã é o verme; a arte cristã o casulo; a arte espírita será a borboleta.

[A respeito vide o artigo anterior sobre a arte pagã, a arte cristã e a arte espírita].

3º Qual a influência da mulher no século dezenove?

Nota – Esta pergunta foi feita por um jovem, estranho à Sociedade.

Resp. – Ah! é o progresso. E é um jovem quem faz a pergunta; magnífico; eu mesmo seria muito amador para não deixar de responder, e estou certo de que todos o desejam também.

A influência da mulher no século dezenove! Acreditais que ela tenha esperado esta época para que continueis a dominá-la, pobres e fracos homens que sois? Se tentastes aviltá-la, foi porque a temíeis; se tentastes abafar a sua inteligência, foi porque receastes a sua influência. Somente em seu coração não pudestes opor barreiras. E como o coração é o presente que Deus lhe deu em particular, continuou senhor e soberano. Mas eis que a mulher também se faz borboleta: ela quer sair de seu casulo; quer reconquistar seus direitos divinos; como aquela, lança-se na atmosfera e dir-se-ia que respira o ar em seu justo valor. Não julgueis que eu as queira transformar em eruditas, letradas, poetisas. Não; mas eu quero, querem aqui, no mundo em que habito, que aquela que deve elevar a Humanidade seja digna de seu papel; que aquela que deve formar os homens comece a se conhecer a si mesma e, para lhes infiltrar desde tenra idade o amor do belo, do grande, do justo, é necessário que ela possua esse amor num grau superior, é preciso que o compreenda. Se o agente educador por excelência for reduzido ao estado de nulidade, a sociedade vacilará. É o que deveis compreender no século dezenove.

INTUIÇÃO DA VIDA FUTURA

Médium – Srta. Eugénie

Nota – A médium escreve num caderno antigo, que antes servira a outro médium, no qual se achava uma comunicação escrita há muito tempo, assinada por Delphine de Girardin. Tal circunstância explica o início da comunicação seguinte:

“Encontro traçado justamente o meu nome, e ele me servirá de assinatura antes de haver começado.

“Quero falar aqui a todos em geral e vos provar que sois espiritualistas; por isso, basta que me dirija ao vosso raciocínio. Que ireis fazer num cemitério no dia primeiro de novembro, desde que ele não conserva senão os despojos dos seres que perdestes? Por que perder tempo em levar-lhes um buquê de flores, um pensamento de amizade e uma doce lembrança? Por que evocar a sua memória, se eles não vivem mais? Por que derramar lágrimas e lhes pedir que as enxuguem ou que vos levem com eles? Respondei, vós todos que dizeis – porque os que não dizem em voz alta, pensam baixinho – que dizeis: a matéria é a única coisa que existe em nós; depois de nós, nada. Dizei: não estais em desacordo convosco mesmo? Mas rejubilai-vos, pois tendes mais fé do que imaginais. Deus, que vos criou imperfeitos, quis vos dar confiança, mau grado vosso, e sem querer compreender, sem disso ter consciência, falais a esses seres queridos, pedi-lhes que cheirem as flores que lhes ofertais, implorai-lhes amizade e proteção. Mãe! chamas a tua filha de anjo e lhe pedes preces. Filha! pedes a proteção de tua mãe e os seus conselhos. Muitos entre vós dizem: Sinto no coração a verdade do que dizeis, mas estava em desacordo com o que meus pais me ensinaram e, Espíritos tímidos que sois! vos fechais em vossa ignorância. Agi, pois, sem medo, porquanto a fé espírita está de acordo com todas as religiões, desde que diz o que todas repetem: Amor, caridade, humildade. Vede que se isto só resulta de vossa hesitação, deveis crer.”

Delphine de Girardin

Observação – A contradição de que fala o Espírito, no começo, é vista a cada instante, entre as próprias pessoas que mais fortemente negam a vida futura. Se tudo acabasse com a vida corpórea, de que serviria, com efeito, a comemoração dos seres que choramos, se eles não nos ouvem mais? Falaram-nos de um senhor

imbuído ao último ponto das idéias materialistas mais absolutas; acaba de perder o filho único e o pesar que sentiu foi tal que queria suicidar-se para ir juntar-se a ele. Ora, para ir juntar-se a quem? Aos ossos, que não são mais ele, porque os ossos não pensam.

A REENCARNAÇÃO

Médium – Srta. Eugénie

Nota – Na sessão da Sociedade em que foi recebido o ditado precedente, o Espírito da Sra. de Girardin, solicitada a dar outro sobre a reencarnação, respondeu: “Oh! não penso em outra coisa. A médium está habituada a me ver fazer o que nem sempre lhe agrada, e tendes razão.” Esta última frase é uma alusão a certas idéias particulares da médium, a propósito da reencarnação.

“A reencarnação é uma coisa lógica; toca os nossos sentidos. Assim, pois, trata-se somente de refletir, de querer examinar bem à nossa volta. Não tereis de olhar senão para dentro de vós mesmos para encontrar as provas da reencarnação. Vedes a esta mesa um bom pai de família; tem várias crianças lindas, umas de inteligência notável, outras num estado quase abjeto. De onde vem, pois, esta diferença? Mesmo pai, mesma mãe, mesma educação e, não obstante, quantos contrastes!

“Atentai para a vossa lembrança; nela não encontrareis a intuição de fatos dos quais não tendes nenhum conhecimento e que, no entanto, se retratam para vós absolutamente como se tivessem existido? Não ficais chocados, vendo um ser pela primeira vez, porque vos parece havê-lo conhecido? Sim, não é mesmo? Pois bem! isto vos prova uma vida anterior, à qual pertencestes; isto prova que a criança inteligente deve ter percorrido várias existências e, por meio delas, se depurou, ao passo que a outra talvez esteja na primeira; que a pessoa que encontrais talvez vos tenha sido íntima, e que o fato de que vos lembrais vos foi pessoal em outra vida. Prova, finalmente, que para entrar no reino de Deus

é preciso que sejais perfeitos. Vejamos! pensais que vos resta tão pouco a fazer, para crer que depois de vossa morte uns três ou quatro meses nas esferas vos bastarão⁴⁶? Não. Não acredito em tanta pretensão. Para adquirir é necessário trabalhar, e a fortuna moral não se lega como a fortuna material. Para vos depurardes, é preciso passar por vários corpos que com eles levam, em cada despojamento, uma parte das vossas impurezas.

“Se refletirdes, não podereis deixar de vos render à evidência”.

Delphine de Girardin

O DIA DOS MORTOS

Médium – Srta. Huet

Nota – Na sessão da Sociedade, de 2 de novembro, Charles Nodier, solicitado a continuar o trabalho que havia começado, responde:

“Meus caros amigos, permiti que nesta noite vos fale de um outro assunto. Na próxima vez continuarei o trabalho começado.

“Hoje é uma data que nos é pessoalmente tão consagrada que chamamos vossa atenção sobre a morte e as preces reclamadas pela maioria dos que vos antecederam. Esta semana é um período de confraternização entre o Céu e a Terra, entre os vivos e os mortos. Deveis ocupar-vos de nós mais particularmente, e de vós também; porque, meditando sobre este pensamento de que em breve, para vós, como para nós, os vivos entoarão preces por vossa alma, deveis tornar-vos melhores. Conforme a maneira pela qual tiverdes vivido aqui embaixo, sereis recebidos perante Deus. O que é a vida, afinal de contas? Uma curtíssima migração do Espírito na Terra; tempo, entretanto, em que pode acumular um

46 Alusão à opinião de algumas pessoas a respeito da vida futura.

tesouro de graças ou se preparar para cruéis tormentos. Pensai nisso, pensai no Céu, e a vida, seja qual for a que levais, vos parecerá bem amena.

Charles Nodier

A respeito de sua comunicação, foram feitas ao Espírito as seguintes perguntas:

1º Hoje os Espíritos são mais numerosos nos cemitérios que normalmente?

Resp. – Nesta época ficamos mais à vontade junto aos nossos despojos terrenos, porque os vossos pensamentos, as vossas preces ali estão conosco.

2º Os Espíritos que, nesses dias, vêm aos seus túmulos, junto aos quais ninguém ora, sofrem por se verem desamparados, enquanto outros têm parentes e amigos que lhes trazem uma prova de lembrança?

Resp. – Não há pessoas piedosas que oram por todos os mortos em geral? Pois bem! essas preces alcançam o Espírito esquecido e são, para ele, o maná celeste, que tanto caía para o preguiçoso como para o homem ativo. A prece é para o conhecido, como para o desconhecido. Deus a reparte igualmente, e os Espíritos bons que delas não mais necessitam as devolvem àqueles a quem podem ser necessárias.

3º Sabemos que a fórmula das preces é indiferente; no entanto, muitas pessoas têm necessidade de uma fórmula para fixar as idéias. Nós vos seríamos gratos se ditásseis uma a propósito. Todos nos associaremos pelo pensamento, para aplicá-la aos Espíritos que dela possam necessitar.

Resp. – Também o quero.

“Deus, criador do Universo, dignai-vos ter piedade de vossas criaturas; considerai as suas fraquezas; abreviai suas provas terrenas, se estiverem acima de suas forças; compadecei-vos dos

sofrimentos dos que deixaram a Terra e lhes inspirai o desejo de progredirem para o bem”.

4º Certamente aqui há vários Espíritos aos quais podemos ser úteis. Vamos pedir que se dêem a conhecer.

Resp. – Que pedido fazeis! Ireis ser assaltados.

5º De modo algum nos apavoramos com isso. Se não pudermos ouvir a todos, o que dissermos para um servirá para os outros.

Resp. – Pois bem! fazei o que vos ditar o coração.

Tendo sido feito um apelo, sem designação particular, a um dos Espíritos presentes, que queria comunicar-se para reclamar nossa assistência, manifestou-se o de uma personagem muito conhecida, morta há dois anos, revelando sentimentos muito diversos dos que tinha em vida, e que se estava longe de suspeitar.

ALEGORIA DE LÁZARO

Médium – Sr. Alfred Didier

Cristo gostava de um homem chamado Lázaro. Quando soube de sua morte, grande foi a sua dor e se fez levar até o seu túmulo. A irmã de Lázaro suplicava ao Senhor, dizendo: “É possível restituirdes a vida a meu irmão? Ó vós, que o amáveis tanto, devolvei-lhe a vida!”

Mundo do século dezenove, também estás morto. A fé, que é a vida dos povos, extingue-se dia-a-dia; em vão alguns crentes quiseram despertar-te de tua agonia. É muito tarde. Lázaro está morto; só Deus o pode salvar.

Então o Cristo se fez conduzir ao túmulo. Levantaram a pedra do sepulcro: cercado de faixas, o cadáver se apresentou em todo o horror da morte. Cristo lançou um olhar para o céu, tomou a mão da irmã e, levantando a outra mão para o alto, exclamou:

“Lázaro, levanta-te!” Apesar das faixas, a despeito do sudário, Lázaro despertou e se levantou.

Ó mundo, tu pareces Lázaro; nada te pode devolver a vida. Teu materialismo, tuas torpezas, teu cepticismo são outras tantas faixas que envolvem o teu cadáver, e cheiras mal, porquanto há muito tempo estás morto. Quem te gritará como a Lázaro: Em nome de Deus, levanta-te? É o Cristo que obedece ao apelo do Espírito Santo. Século, a voz de Deus se fez ouvir! Estarás mais corrupto que Lázaro?

Lamennais

O DUENDE FAMILIAR

Médium – Sra. Costel

Jamais me comuniquei convosco e me sinto muito feliz por aumentar a vossa plêiade literária. Bem sabeis, vós que lestes com tanto gosto, que intuição eu tinha por aquilo a que chamam o mundo fantástico. Muitas vezes só, nas longas noites de inverno, recolhido a um canto de meu lar solitário, eu escutava o gemido das notas plangentes do vento. Enquanto o olhar distraído seguia vagamente os desenhos inflamados do fogo, por certo o duende doméstico me entretinha, e eu não inventava Trilby: repetia o que ele me havia murmurado ao ouvido atento. Que coisa encantadora sentir que vivem à nossa volta esses hóspedes invisíveis! Com eles, nada de mistérios: eles vos amam, mau grado vosso, e vos conhecem melhor que vós mesmos. Na minha vida literária, na minha vida de homem, devo a esses amigos invisíveis os meus melhores sucessos e minhas mais caras consolações. É a minha vez de murmurar agora, aos ouvidos amigos, as coisas que o coração adivinha e não repete. É vos dizer, caro médium, que muitas vezes terei o doce privilégio de conversar convosco.

Charles Nodier

Allan Kardec



Nota Explicativa⁴⁷

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

⁴⁷ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da

fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material

da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota

ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação preempatória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritos, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder

comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA